



Metanoia - Movimento Católico de Profissionais

Rua João de Freitas Branco, 12

1500-359 LISBOA

Tel. 92 762 10 77

metanoia.mcp@gmail.com

www.metanoia-mcp.org

Caminhos do gratuito

Encontro do Metanoia de Lisboa, 12 de Março de 2010

“Dormia e sonhei que a vida era só alegria
Acordei e vi que a vida era só serviço
Servi, e compreendi que o serviço é alegria.”

Rabindranâth Tagore

“Nestes momentos dramáticos em que o mundo vive,
o artista deve chorar e rir com o seu povo.
É preciso deixar o ramo de lírios e mergulhar na lama até à cintura
para ajudar os que procuram os lírios.”

Federico Garcia Lorca
em “Souviens-toi d’aimer”, ed. Paroles de Fraternité

Amigos

É com muito gosto que organizámos este encontro do Metanoia de Lisboa sobre “Caminhos do gratuito”.

A ideia partiu de experiências que vivemos ou temos tido testemunho de como o nosso envolvimento social mais directo e gratuito nos ajudou a sermos melhores pessoas.

Deste modo pensámos que seria bom falarmos de todos nós nestes caminhos de ontem e de hoje.

Como aprendemos e sonhámos em caminhos do gratuito?

O que nos dizem as inúmeras iniciativas de voluntariado em que participam os jovens de hoje junto de povos por vezes tão distantes?

Como olhamos as respostas a catástrofes que unem diferenças e criam solidariedades antes proibidas?

Como sabemos nós agradecer e rezar sem pedir?

Sobre o dom da caridade que os cristãos procuram viver, trazemos um texto escrito há 16 anos pelo Padre Lino Maia, que coloca as questões bem na actualidade, e trechos de uma partilha da Felícia Pires escrita para um destes encontros em 2005.

Começaremos como habitualmente com um jantar partilhado, por volta das 20 horas, com sopa e café assegurados. Para quem não vier jantar, a reunião inicia-se às 21h30min, para terminarmos antes da meia-noite com uma oração.

Abraços

Ana Cordovil e M^a Conceição Moita

Caridade e responsabilidade social

A caridade é, antes de tudo uma "boa notícia": a notícia de que Deus amou e continua a amar o mundo. A melhor maneira de se entender a caridade cristã é compreendê-la como Amor de Deus.

...

A compreensão mais grandiosa do outro é vê-lo como "próximo" e tratá-lo como tal. A amizade converte-se aqui em caridade. O encontro do Bom Samaritano (Lc 10,25-27).

...

A ética da solidariedade não pode reduzir-se a papéis sancionados pelas instituições sociais (das quais somos sócios), nem se pode considerar satisfeita pelo facto de se ver cumprido o dever profissional. O "outro" é alguém que nos afecta, para além da minha qualificação social.

...

A atenção ao outro implica em primeiro lugar o reconhecimento dos seus legítimos direitos e a criação de condições, mesmo estruturais, para o seu exercício e desenvolvimento.

...

Curiosamente, a um maior interesse pela solidariedade (que anda na boca de toda a gente) nem sempre corresponde uma prática efectiva deste valor na vida das pessoas. Não é fácil passar de uma cultura individualista para uma cultura da solidariedade. As características da nossa sociedade, caracterizada pela multiplicação de pertenças e pela fragmentação das vivências, alimentada por impulsos corporativos onde predomina a busca do próprio interesse em prejuízo do bem comum, não favorecem o crescimento da solidariedade.

A própria crítica ao Estado social, em muitos casos resultante de uma legítima denúncia dos limites resultantes da sua actuação, pode ocultar às vezes uma vontade de afirmação do individual, da exaltação do privado e da sua eficácia, desconsiderando o valor da solidariedade.

...

Há uma profunda relação entre as bem-aventuranças e solidariedade. As bem-aventuranças constituem um desafio à solidariedade com os pobres, os famintos, os perseguidos, os marginalizados. As bem-aventuranças são um veemente apelo à solidariedade, colocando o centro da vivência cristã no "eu plural" (bem-aventurados) em detrimento do "eu singular" que, no seu egoísmo, oculta ao homem o coração de Deus.

Excertos de artigo do Padre Lino Maia
para a revista "Communio", de 1994.

Meter mãos à obra

Vou partilhar convosco o Testemunho do sentir e viver a minha relação com as questões da pobreza e exclusão social que é, entre muitas outras coisas, um desafio permanente a mim própria.

É ir descobrindo o Deus de Jesus Cristo, pobre e humilde, nos outros e caminhar.

Cultivar, a confiança, a atenção, o respeito a relação na diferença.

Desejar que a coerência e a autenticidade façam parte do caminho.

Experimentar as incertezas e as surpresas da realidade, quando nos parece termos certezas.

Mudar o olhar que temos e com ele fazemos nascer novas possibilidades de relação e acção.

Ter consciência que a fraternidade não se constrói por decreto, nasce no coração de cada um.

Lidar com rupturas e conflitos, por vezes com dificuldade em compreender os ritmos da própria mudança, ou da não mudança.

Acolher e aprender com a sabedoria dos licenciados da vida, os idosos.

Meter mãos à obra, mas não nos substituírmos aos outros.

Continuar a acreditar, quando parece que já nada faz sentido, rezar.

Investir na escuta activa, valorizar a pessoa com os seus problemas.

Caminhar na busca da verdade, da liberdade, ter coragem de correr riscos, e arriscar ser excluído.

São Paulo dizia, "muitas vezes era levado a fazer o que não queria, angustiando-se por não fazer o que queria".

Estar numa atitude de alerta aos sinais da realidade e fazer uma leitura de fé.

Conviver com a tensão e o conflito na esperança de ser luz.

Ter o sentido de urgência e sentido de continuidade.

Reconhecer aquilo que de bom está feito e dar-lhe continuidade, não estar sempre a partir do zero.

Construir a cultura de co-responsabilização global, e agir ao nível da responsabilidade de cada um.

Experimentar os valores da democracia, mesmo quando não dão muito jeito.

Ser persistente, quando a atitude justa parece não ser outra, senão desistir.

Ser paciente, lidar e compreender regras, normas, procedimentos, e depois diz o ditado "quando a esmola chega o pobre está morto". E a noção de tempo útil? Será que não tem sentido?

São Francisco dizia "começar por fazer o que é necessário, depois o que é possível, de repente está-se a fazer o impossível".

Algumas notas do testemunho da Felícia Pires para um Encontro do Metanoia em Março de 2005